



TOMÉ BOMBOM:
UM LIVRO PARA CRIANÇAS E OUTROS CURIOSOS
TOMÉ BOMBOM: A BOOK FOR CHILDREN AND OTHER CURIOUS
TOMÉ BOMBOM: UM LIBRO PARA NIÑOS Y OTROS CURIOSOS

Izabel Cristina Oliveira Martins¹

RESUMO:

O artigo propõe uma leitura do livro *Tomé Bombom* (2016), da ficcionista e poetisa santomense Olinda Beja, evidenciando uma singularidade da obra: a inversão da tradicional contação de histórias, em que a criança, em vez de preparar-se para o ouvir, é dizibilizada para narrar histórias (suas e dos outros), assumindo o papel de contador e propagador do conhecimento e da cultura de seu povo, à maneira de um *griot* da tradição oral africana. Ademais, consideramos o quanto a escrita de Olinda Beja revela um compromisso com a história do país onde nasceu, possibilitando ao público leitor, independente de qual idade tenha, conhecer tradições e raízes culturais do arquipélago de São Tomé e Príncipe.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infanto-juvenil, Olinda Beja, Literatura de São Tomé e Príncipe.

ABSTRACT:

The article proposes a reading of the book Tomé Bombom (2016), by the Santomean poetess and fiction writer Olinda Beja, showing a singularity of the work: the inversion of the traditional storytelling, in which the child, instead of preparing to hear it, has his voice heard to narrate stories (his and others), assuming the role of narrator and propagator of the knowledge and culture of its people, in the manner of a griot of the African oral tradition. Furthermore, we consider how much Olinda Beja's writing reveals a commitment to the history of the country where she was born, enabling the reading public, regardless of its age, to learn about the traditions and cultural roots of the São Tomé and Príncipe archipelago.

KEYWORDS: Children's Literature, Olinda Beja, St Thomas and Prince's Literature.

¹ Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: cristinaicom@hotmail.com



RESUMEN:

El artículo propone una lectura del libro Tomé Bombom (2016), de la poetisa y escritora de ficción santotomense Olinda Beja, poniendo de manifiesto una singularidad de la obra: la inversión de la tradicional arte de contar historias, en la que el niño, en lugar de prepararse para escucharlo, narra historias (suyas y ajenas), asumiendo el papel de narrador y propagador del conocimiento y la cultura de su pueblo, a la manera de un griot de la tradición oral africana. Además, consideramos el modo como la escritura de Olinda Beja revela un compromiso con la historia del país donde nació, permitiendo al público lector, independientemente de su origen, conocer las tradiciones y raíces culturales del archipiélago de Santo Tomé y Príncipe.

PALAVRAS CLAVE: *Literatura infantil y juvenil, Olinda Beja, literatura de Santo Tomé y Príncipe.*

Diferentemente de Angola, Moçambique e Cabo Verde, países africanos de língua portuguesa que já possuem um considerável grupo de mulheres escritoras de livros para crianças e jovens, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe praticamente ainda não contam com autoras de literatura infanto-juvenil. Especificamente nas ilhas santomenses, das dezessete escritoras² de que temos notícias, apenas Olinda Beja produz atualmente livros para o mencionado público.

Autora de quase duas dezenas de obras, as quais trilham pelas mais variadas formas de expressão textual (conto, romance, poesia), Olinda Beja incumbiu-se da tarefa de escrever literatura infanto-juvenil quando percebeu a falta de livros para crianças numa feira de livros em São Tomé e Príncipe³. Dessa constatação, nasceu inicialmente *Um grão de café* (2013), obra publicada em 2013 e incluída, em 2015, no Plano Nacional de Leitura de Portugal. A esse, seguiram-se *Tomé Bombom* (2016) e *Simão Balalão* (2019).

Tomé Bombom, objeto desta leitura, apesar de ser dedicado “para as crianças”, como bem frisam as palavras da dedicatória, recorre na epígrafe à paradoxal frase de Fernando Pessoa “Nenhum livro para crianças deve ser escrito para crianças”, suscitando o convite à leitura para outros curiosos e ampliando as fronteiras impostas à produção literária infanto-juvenil pela homogeneização editorial e pedagógica.

Dialogando com as ilustrações de cores vibrantes de Teresa Bondoso, o livro apresenta Tomé Bombom, menino das *ilhas do meio do mundo*, que captura, engenhosamente, a atenção da narradora-personagem com sua(s) história(s) e com ela compartilha o espaço discursivo. Sua participação é marcada graficamente pelo uso do negrito e das aspas, técnica que destaca a voz de Tomé dentro do enredo.

2 Os nomes das autoras santomenses, e suas respectivas publicações, podem ser consultados na pesquisa de Doutorado: *Pelas sendas do feminino: diáspora e exílio nas literaturas africanas de língua portuguesa* (2019).

3 Conferir informação em entrevista com a escritora: “Lisboa: escritora santomense lança Simão Balalão”.

[...] Tomé (é este o seu nome) queria falar comigo. Contar-me uma história, disse. Que coisa mais linda!

“Meu nome é Tomé Bombom. É mesmo assim que me chamam, dona, Tomé Bombom. Bem... este é o meu nome de casa, que o do registro é maior e mais complicado...”

“Então diz-me lá como te chamas.”

“Belarmino Tomé da Conceição Capela Bombom – grande, bonito, não é? Mas eu preferia ser só Tomé Capela como meu pai que é o Simão Capela ou meu avô Zezinho Capela, mas não p’ra mim meu pai quis Tomé por eu ter nascido no dia 21 de dezembro que dizem foi o dia em que os portugueses acharam nossa terra e Bombom... ah! Quer saber mesmo porque me chamam Bombom?!”⁴ (p. 12. Negrito e aspas no original).

O destaque gráfico dado na narrativa para Tomé enfatiza uma singularidade da obra: a inversão da tradicional contação de histórias, em que a criança, em vez de preparar-se para o ouvir, se reveste de contador e, como um *griot*, transmite conhecimento e cultura do seu povo. Através de Tomé, conhecemos não apenas sobre ele. Entramos em contato também com a história das ilhas e com determinadas tradições e práticas culturais do povo santomense. O *Tchiloli*, por exemplo, é uma das manifestações artísticas tradicionais de São Tomé que comparecem na obra. A importância da encenação e, ao mesmo tempo, da preservação dessa peça teatral para os santomenses surge traduzida na voz da criança narradora que, orgulhosamente, se diz integrante do conjunto de artistas ligados ao espetáculo: **“Eu sou moçu káta⁵ no tchiloli, tia sabe? Um dia eu vai com o grupo a Lisboa [...]”** (p. 28. Negrito e aspas no original).

A origem do sobrenome de Tomé é o mote para o desenvolvimento do enredo. Retardando até o final do conto o porquê de ser chamado de Bombom, o menino cria na sua ouvinte – e em nós, leitores – uma expectativa ansiosa. Sem pressa, ou no dizer das ilhas “leve leve”⁶, ele desenrola narrativas (suas e dos outros) e quando questionado pela história prometida (a história do seu nome) permite compreender que aquilo que está sendo narrado não se trata de uma trama cronológica. O que ele conta merece ser escutado e compartilhado, sem as acelerações próprias dos acontecimentos humanos:

Ah! Voltei à carga... então e a história do nome, do bombom?! Tomé suspirou.

“Calma tia... calma... ‘na fulufa’... ‘na fulufa’⁷... eu vai contar a história do meu nome, mas ainda tem que repetir a canção da Lôginda para eu ver que tia não vai esquecer nunca. E depois tia pode contar aos meninos de Lisboa, de Cabo Verde...” (p. 26. Negrito e aspas no original).

4 BEJA, Olinda. **Tomé Bombom**. Porto: Edições Esgotadas, 2016. Todas as demais citações do conto foram retiradas dessa edição, passando-se a indicar apenas o número das páginas respectivas.

5 Pajem da peça de teatro “Tchiloli”.

6 Assim, assim; devagar; mais ou menos.

7 Devagar, com calma.

Entre o desfiar de uma história e outra, ficamos sabendo que Tomé possuía residência em Almeirim, pequena localidade a poucos quilômetros da capital São Tomé, onde vivia com a avó, o irmão Dalécio e com a mãe (trabalhadora de uma das roças mais antigas do arquipélago: Monte Café), integrando uma unidade doméstica pontualmente marcada pela presença feminina. De origem humilde, costumava se deslocar cotidianamente para o mercado de São Tomé com a finalidade de vender “açucrinha”, uma espécie de doce feito à base de coco, produzido pela avó. Sobre o pai, o qual residia na capital com outra mulher, não temos muita informação. Apenas tomamos conhecimento de que é natural de Cabo Verde, assim como a avó:

“Meu pai conheceu minha mãe na roça onde ele chegou um dia vindo de Cabo Verde, sabe aqui ‘no’ São Tomé tem montão de gente hoje ainda que veio de terra longe muito longe, terra que a gente não vê não, nem que se debruce na pontinha do mar ou que fique na beira da estrada espreitando longe, longe, de pé levantado, gente não consegue saber onde fica Cabo Verde... só sabe que agora há avião que sai daqui no sábado muito cedinho e pousa no Sal que é terra de minha avó Nenezinha que veio viver aqui na roça...” (p. 14. Negrito e aspas no original).

O excerto acima, mais do que apresentar a genealogia de Tomé, aponta um elemento intrínseco à cultura santomense: a roça, cujo sistema dominou as ilhas durante o período colonial, transmitindo “um legado de relações econômicas e sociais que deixaram uma marca indelével na história do país” (BERTHET, 2012, p. 333). Associado a outras informações da narrativa (como a precária situação econômica da família de Tomé, por exemplo), o fragmento revela a constância desse elemento no cotidiano dos moradores e, de certa forma, permite inferir que, mesmo após a independência, a organização de trabalho nessas plantações ainda se mantém, engessando, assim, uma parte expressiva da população em um *status* inferior.

Destaque-se ainda que a passagem acima traz uma característica recorrente da obra de Olinda Beja: tematizar os deslocamentos. Nessa perspectiva, remete a outros filhos de África que foram destinados a São Tomé e Príncipe para trabalhar como contratados nas roças pelo caminho longe, como nos versos de Gabriel Mariano (2012, p. 151): “Caminho/ caminho longe/ ladeira de São Tomé/ Devia ser de regresso/ devia ser e não é”. A pobreza e a falta de oportunidades forçavam essas pessoas à migração, para terras onde supunham que as oportunidades surgiam. Em São Tomé, regavam com suor e sangue as roças de cacau e de café e viam cada dia mais distante o regresso à terra natal, em decorrência de fatores diversos, como a condição dolorosa do trabalho exaustivo, carreador de enfermidades. Ressalte-se que o tema do contratado constitui uma fonte de inspiração não só para Olinda Beja (que explora a questão em outros momentos de sua obra, como, por exemplo, nos contos “O amarrador de chuvas”, “Os desencontros da língua”, “Homenagem”, com ênfase para a situação e condição da mulher contratada), mas também para outros escritores santomenses. Emblemáticos, nesse sentido, são os poemas “Avó Mariana” (de Alda do Espírito Santo), “Romance de Sinhá Carlota” (de Francisco José Tenreiro) e “Serviçais” (de Manuela Margarido).

Ainda se tratando de deslocamentos, Olinda Beja evidencia a atração da terra longe vivida pelo ilhéu e reproduz, através de Tomé Bombom, o dilema dos meninos das ilhas: o desejo de partir e o de ficar nas ilhas:

“[...]Um dia eu vai com grupo a Lisboa e volta mais não...”

Oh Tomé... tu ias embora e deixavas a mãe, a avó, o irmão e a Tintina?! Não, não acredito.

Tomé olhou longamente para mim e sorriu e, naquele sorriso, vi tristeza e alegria. Este é o destino dos meninos das ilhas. Querem sair, mas também querem ficar. (p. 28-29. Negrito e aspas no original).

Essa alma dividida entre a permanência no fértil solo das ilhas e a errância “por mares nunca dantes navegados”, citando aqui Camões, reflete-se em outras passagens da narrativa. Além de Lisboa, Cabo Verde e Paris são outros destinos sonhados pelo menino de apelido Bombom que parece estar em confronto permanente entre a terra e o mar, desejando ultrapassar os limites das ilhas para se projetar na procura do mais além: **“Eu gostava tanto de ir um dia a Cabo Verde”** (p. 26. Negrito e aspas no original); **“[...] tia já esteve em Paris? Ah, que bom, eu ‘áinda’ mas um dia eu ‘vai’... um dia eu ‘vai’ talvez com Titina, se ela quiser”** (p. 29. Negrito e aspas no original). Para Inocência Mata (2018), esse fascínio pela emigração em São Tomé e Príncipe, na atualidade, tem se constituído mais como uma escolha do santomense que por outras razões. Nas palavras da crítica e pesquisadora:

Outrossim, nesses meus deslocamentos de perspectivas, vali-me do conhecimento empírico de que se faz a ságeza popular. E um dos elementos mais incontornáveis veio-me da percepção que o próprio ilhéu atualiza na sua relação com o mar e, por conseguinte, com o continente africano. Não é, pois, despiendo o fato de, até há pouco tempo, o são-tomense se referir a Angola como, simplesmente, o “sul”: “Ê bá súlu” era a resposta sobre para onde alguém emigrara, necessariamente para Angola, e não “Ele foi para Angola” – enquanto Portugal era referido como metrópole ou mesmo Portugal. Tal relação com o “sul”, então único destino de emigração, foi-se modificando porque São Tomé e Príncipe, país onde a emigração não era tradição (só se tornando uma realidade depois da independência, mais precisamente a partir dos anos 80 do século XX, então mais por razões políticas do que socioeconômicas), é hoje um país onde a emigração se tem vindo a constituir como uma opção natural, sobretudo desde finais de 1990, quer para países da costa africana quer para Portugal (e daí para outros países da Europa, com relevância para o Reino Unido). (MATA, 2018, p. 74. Aspas no original).

À história de vida de Tomé e aos seus sonhos e desejos, mesclam-se narrativas da terra. Assim conhecemos: a história da avó Nenezinha que ficava à espera do seu amado na janela para ouvir as músicas ao toque da viola compostas em homenagem a ela; a história de Lôginda, moça que desdenhou todos os seus pretendentes, restando-lhe apenas o macaco para ser seu marido e uma canção que passaria a ser entoada, como lição de moral, por todos os seus conhecidos:

“Bô coié coié até bô casá ku makakuê... bô coié coié até bô casá ku makakuê”⁸ (p. 25. Negrito e aspas no original.); a história de Sum Margoso, velho andarilho casado com a jovem e bela Juliana a quem costumava agradar com presentes trazidos das terras estrangeiras por onde andava. Essa última, por sinal, apresenta-se mais especial para o menino *griot*, porque explica a origem do nome Bombom, conforme comprova a passagem:

“[...] Sum Margoso trouxe caixa grande muito grande [...] e muito bonita com fitinha de veludo e dizia que lá dentro vinha uma coisa tão boa, tão boa que valia mais que ouro. E que é feita com coisa da nossa terra [...]”

“Meu pai viu a caixa e contou à minha mãe. Eles queriam saber o que estava na caixa, mas Juliana escondeu bem. Mas minha mãe que arrumava quarto p’ra ela viu ela tirar uma bolinha escura e comer [...]. Depois comeu outra e escondeu. E minha mãe a ver! Então, quando Dona Juliana foi embora, minha mãe foi à caixa e tirou a tal bolinha... e comeu e gostou muito, tanto tanto que comeu mais duas.” [...]

“Oh! Tomé... e o que era afinal a tal bolinha? A bolinha escura?”

“Tia sabe não?... Era bombom, essa coisa que se faz com cacau da nossa terra!”

“Depois minha mãe foi descoberta [...]”

“Sum Margoso mandou meu pai e minha mãe embora. Triste né? Só por causa de bombom... mas minha mãe gostou tanto, tanto daquela palavra que todo filho que nasceu ela deu o nome de bombom”. (BEJA, 2016, p. 33-37. Negrito e aspas no original).

Além das narrativas supracitadas, outras histórias são apontadas por Tomé, mas não chegam a ser contadas na íntegra: **“Tia não quer saber mais história da terra não? Tem história de ‘gandu’... de Sum Alê, de Canta Galo, de ‘tataluga’ [...] ela ganhou corrida ao macaco... eu conto se tia quiser”** (p. 23. Negrito e aspas no original). Trata-se de mais um artifício usado pelo menino *griot* para atrair a atenção e despertar ainda mais a curiosidade de sua audiência pelos contos, lendas e fábulas locais. Quem de nós, desconhecedores dos contos/estórias das ilhas equatoriais, não se sente motivado a saber mais da história de *gandu* (tubarão), de Sum Alê ou mesmo a estória de Canta Galo? A propósito, esta última, segundo reza a lenda, origina o nome de um dos seis distritos da Ilha de São Tomé: o distrito de Canta Galo. O poeta, crítico e ensaísta santomense Francisco Costa Alegre (2018), no artigo “Mitos e lendas santomenses”, não apenas faz referência a ela, como a reproduz integralmente, possibilitando, assim, a divulgação, em outras regiões, dos bens simbólicos do espaço sobre o qual escreve. Esse trabalho de disseminação de narrativas curtas⁹ por meio do formato impresso, segundo Amarino Queiroz (2012), vem ganhando na atualidade mais força com a publicação de

8 “Você escolheu, escolheu, até que casou com macaco”.

9 As narrativas curtas santomenses são conhecidas localmente como *contági* (estórias cotidianas, baseadas em fatos reais, que podem ser narradas a qualquer hora do dia) e *soias* (estórias ficcionalizadas tradicionalmente contadas à noite).

antologias de recolhas e através do trabalho de recontação incorporado na prosa de ficção de autores nacionais. A *soia* da tartaruga, mencionada por Tomé no conto, é um dos diversos exemplos de estória local que, para além da divulgação tradicional através da oralidade, pode ser encontrada impressa na compilação *Contos tradicionais santomenses* (1984), com o título “A aposta da tartaruga”. Sobre o importante papel dessas recolhas, é pertinente a afirmativa de Carlos Espírito Santo (2000, p. 26): “Anote-se que estas recolhas permitiram que fossem salvas narrativas, contos, provérbios e vocabulários que, com a evolução do tempo, provavelmente se perderiam após o desaparecimento de alguns anciãos”.

Ressalte-se que, para além das narrativas curtas orais e da referência constante à língua crioula (conforme se pode comprovar nos excertos já citados), o conto Tomé Bombom recupera outro recurso característico da oralidade: o provérbio. Intencionalmente inserido antes da exposição da estória, o paratexto é apresentado tanto em língua nativa quanto em português, estabelecendo laços com a narrativa. Essa estratégia é adotada por Beja não apenas em *Tomé Bombom*. Outros livros da autora, como *Histórias da Gravana* (2008), *Pé-de-perfume* (2004) e *Chá do Príncipe* (2017), para citar alguns, também adotam esse procedimento. Para Adriana Bayer (2008, p. 02), “a escolha por esse tipo de exposição denota a intenção da autora em resgatar a cultura popular, através dos gêneros discursivos que constituem o amplo repertório da tradição oral, no arquipélago de São Tomé e Príncipe”. Nesse sentido, continua Bayer, ao recuperar vozes da tradição, Beja oportuniza a “continuidade, pela escritura, à moldagem da identidade santomense e ao sentimento de pertença, antes iniciado pelos contadores de histórias orais” (BAYER, 2000, p. 02-03).

Nessa obra, em que o entrecruzamento de histórias e de vozes ata com firmeza a atenção do leitor, percebemos o cumprimento da tão almejada tarefa de Olinda Beja: recontar histórias e estórias de povo santomense, fazendo-as transitar por outras paragens, como forma de presentificar o que há tanto tempo ficou escamoteado pelo colonialismo. Visibilizando e dizibilizando a criança, a autora deixa claro desde o início do seu texto (por meio de uma narradora-personagem que, na maioria das vezes, mais escuta do que fala) que a trama se distancia daquilo que comumente encontramos no conto maravilhoso ocidental. O “Era uma vez” e o “Há muitos, muitos anos” estarão ausentes no texto, abrindo espaço para o tradicional das ilhas e, ao mesmo tempo, para a realidade atual do arquipélago: “[Esta] não é uma história que começa como todas as outras ‘era uma vez’ ou ‘há muitos, muitos anos’, não, nada disso; esta é uma história tão real, tão real que dá vontade de ouvir quem a contou” (p. 11. Aspas no original). Longe de apresentar fortes apelos pedagógicos, a narrativa inscreve-se no movimento de recuperação da tradição, explorando, sobretudo, a imagem do *griot*, tão fortemente assumida pelo menino Tomé. A recorrência a marcas da oralidade (como o registro de palavras em crioulo, o emprego de provérbios, o próprio ritmo desacelerado do contar etc.) se justifica pelos anseios da autora em transmitir às crianças e a outros curiosos que sua terra e sua gente possuem uma cultura e valores ancestrais próprios que merecem ser (re)conhecidos e valorizados, pois, afinal,

como diz um dos adágios santomenses usados por Olinda Beja , em outro livro seu¹⁰, “Kuá cu tê tocá nguê suba ná cá sobê lá béfá”, ou seja, “Aquilo que é nosso a chuva não vai levar”.

Referências

ALEGRE, Francisco Costa. Mitos e lendas santomenses (Alguns excertos). In: MATA, Inocência; SILVA, Agnaldo Rodrigues da. **Trajetórias culturais e literárias das ilhas do Equador**: estudos sobre São Tomé e Príncipe. São Paulo: Pontes Editores, 2018.

BAYER, Adriana. Ao Pé-de-perfume, pássaros viajados. **Revista Crioula**, São Paulo, n. 4, novembro 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/54044/57974>. Acesso em: Jan. 2021.

BEJA, Olinda. **Chá do Príncipe**. Lisboa: Rosa de Porcelana, 2017.

BEJA, Olinda. **Histórias da gravana**. São Paulo: Escrituras Editora, 2011.

BEJA, Olinda. **Pé-de-perfume**. Viseu: Eden Gráfico, 2015.

BEJA, Olinda. **Tomé Bombom**. Porto: Edições Esgotadas, 2016.

BERTHET, Marina Annie. Reflexões sobre as roças em São Tomé e Príncipe. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 25, nº 50, p. 331-51, julho-dezembro de 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/eh/v25n50/a04v25n50.pdf>. Acesso em: Jan. 2021.

CONTOS tradicionais santomenses. Direção Nacional da Cultura da República Democrática de São Tomé e Príncipe, 1984.

ESPÍRITO SANTO, Carlos. **Tipologias do conto maravilhoso africano**. Lisboa: Cooperação, 2000.

LISBOA: escritora santomense lança Simão Balalão. **VOA Português**, 25 jan. 2019. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/lisboa-escritora-s%C3%A3o-tomense-olinda-beja-lan%C3%A7a-sim%C3%A3o-balal%C3%A3o-/4759354.html>. Acesso em: Jan. 2021.

MARIANO, Gabriel. Caminho longe. In: DÁSKALOS, Maria Alexandre; APA, Livia; BARBEITOS, Arlindo. **Poesia africana de língua portuguesa**: (antologia). Rio de Janeiro:

10 Referimo-nos ao livro de contos *Pé-de-perfume* (2004).

Nova Fronteira, 2012.

MARTINS, Izabel Cristina Oliveira. **Pelas sendas do feminino**: diáspora e exílio nas literaturas africanas de língua portuguesa. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade. Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019. Disponível em: <<http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/3441/2/TESE%20-%20IZABEL%20CRISTINA%20OLIVEIRA%20MARTINS.pdf>>. Acesso em: Janeiro de 2021.

MATA, Inocência. A condição do ilhéu: entre permanências e errâncias – dimensões de alteridades na cultura são-tomense. In: MATA, Inocência; SILVA, Agnaldo Rodrigues da. **Trajetórias culturais e literárias das ilhas do Equador**: estudos sobre São Tomé e Príncipe. São Paulo: Pontes Editores, 2018.

QUEIROZ, Amarino Oliveira. De estórias, passadas, *soias* e *contágis*: diálogos entre oralidade e escritura nas literaturas da Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira (Org.). *África: dinâmicas culturais e literárias*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2012.